



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

Hierarquias de gênero e legitimação do conhecimento: invisibilização de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ na produção científica e formação leitora

Gender Hierarchies and Knowledge Legitimation: Invisibilization of Women and LGBTQIAPN+ Individuals in Scientific Production on Reading Education

Jessiane Sousa do Espírito Santo – Universidade Federal do Pará (UFPA) –
jessiepita97@gmail.com

Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva – Universidade Federal do Pará (UFPA) –
francielegarces@ufpa.br

Resumo: O estudo analisa desigualdades de gênero na produção científica sobre formação leitora, a partir do mapeamento de autorias e referências. Seu plano teórico-conceitual está fundamentado em abordagens da leitura como prática social, estudos de gênero e Ciência da Informação. Metodologicamente, adota abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica sistematizada e análise de 472 referências extraídas de 14 artigos. Os resultados indicam concentração de autoridade epistêmica em autores masculinos, menor centralidade de mulheres e baixa visibilidade de pessoas LGBTQIAPN+. Conclui que tais assimetrias influenciam a legitimação do conhecimento e impactam a formação leitora, ao restringirem a diversidade de repertórios teóricos.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Formação leitora. Produção científica. Autoridade epistêmica. Ciência da Informação.

Abstract: The study examines gender inequalities in scientific production on reading education by mapping authorship and cited references. Its theoretical framework is grounded in reading as a social practice, gender studies, and Information Science. Methodologically, it adopts a qualitative approach with a systematized literature review and analysis of 472 references from 14 articles. The findings reveal a concentration of epistemic authority among male authors, reduced centrality of women authors, and limited visibility of LGBTQIAPN+ individuals. It concludes that such asymmetries shape knowledge legitimation and impact reading education by restricting the diversity of theoretical repertoires.

Keywords: Gender inequality. Reading development. Scientific production. Epistemic authority. Information Science.

1 INTRODUÇÃO

A leitura ocupa posição central na formação intelectual e na participação social, pois estrutura processos de acesso, interpretação e circulação do conhecimento. No entanto, práticas leitoras não se distribuem de forma homogênea entre diferentes grupos sociais e étnico-raciais, o que evidencia desigualdades que ultrapassam o acesso ao livro, à biblioteca e à informação e alcançam dimensões simbólicas e culturais (Bourdieu, 1983; Chartier, 1999). Entre essas desigualdades, as relações de gênero influenciam na configuração dos modos de ler, das preferências literárias e, sobretudo, nas formas de reconhecimento das práticas leitoras, pois ao apropriar-se da informação, o sujeito constrói entendimentos, produz conhecimento e participa de sua circulação social (Silva; Almeida Júnior, 2018).

A literatura científica indica maior frequência e engajamento de mulheres em práticas de leitura, especialmente em leitura por lazer e ficção, enquanto homens tendem a apresentar menor continuidade e maior direcionamento a conteúdos informativos (Clark; Teravainen, 2020). Essa maior participação feminina, contudo, não se converte proporcionalmente em reconhecimento simbólico ou centralidade na produção e validação do conhecimento. Currículos, cânones literários e sistemas de avaliação continuam a privilegiar determinadas autorias e perspectivas, frequentemente associadas a trajetórias masculinas, o que contribui para a reprodução de hierarquias epistêmicas e simbólicas na cultura escrita (Thomas et al., 2024; Charles et al., 2024).

Dessa forma, a desigualdade de gênero encontra-se atrelada às práticas de leitura, além de se expressar na produção científica e nos processos de legitimação do conhecimento. Nesse sentido, torna-se necessário deslocar o foco da análise da pessoa leitora para a produção e circulação do saber, com vistas a entender quem são as autorias que estruturam o campo e quais vozes são reconhecidas como autoridades epistêmicas.

Dado o contexto, o presente estudo busca responder: *Como as desigualdades de gênero se apresentam na produção científica sobre formação leitora?* Com vistas a obter uma resposta, este estudo objetiva analisar a presença de desigualdades de gênero na produção científica sobre formação leitora, a partir do mapeamento de autorias e

referências recorrentes. Parte-se da hipótese de que a produção científica privilegia autorias do gênero masculino como autoridades epistêmicas, em detrimento de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, o que contribui para a reprodução de desigualdades no campo da leitura e da cultura escrita.

A pesquisa encontra-se alinhada a Agenda 2030 no que se refere ao objetivo de desenvolvimento sustentável 5 (ODS 5) - *Igualdade de gênero*, que busca igualdade de gênero, através do reforço a necessidade de acesso equitativo ao conhecimento, reconhecimento e participação cultural, que se alinham a formação leitora e a eliminação de todas as formas de discriminação e violência de gênero, que mesmo em ótica teórica são parte da atual espiral de violência contra a mulher, haja vista que o Brasil encontra-se com os maiores demarcadores de violência de gênero contra mulheres e crianças (ONU, 2015; UN Woman, 2018).

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adota abordagem qualitativa, exploratória e analítica, com revisão bibliográfica sistematizada e análise de referências para identificar padrões de autoria e citação na produção científica sobre formação leitora e gênero. A coleta ocorreu entre 10 e 22 de abril de 2026 nas bases Google Scholar, SciELO e Web of Science, mediante combinações de termos em português e inglês relacionadas a formação leitora, práticas de leitura, leitura e gênero e hábitos de leitura. Foram considerados títulos, resumos e palavras-chave, com inclusão de artigos que (i) abordassem práticas de leitura e formação leitora, (ii) discutissem gênero, (iii) estivessem publicados em periódicos revisados por pares e (iv) tivessem acesso integral disponível. O corpus final compreendeu 14 artigos, utilizados para o mapeamento das referências bibliográficas não sendo necessariamente citados individualmente ao longo do texto.

A pesquisa adota ainda, como abordagem complementar, a análise qualitativa de conteúdo segundo (Bardin, 2016) associada a entrevistas semiestruturadas virtuais realizadas com cinco pesquisadores atuantes no campo. Esse procedimento buscou complementar os dados bibliométricos com percepções empíricas sobre a influência das autorias citadas na prática da formação leitora. As entrevistas foram conduzidas entre

31 de maio e 4 de junho de 2026 por meio de formulário eletrônico e videoconferência e seguiram os princípios éticos de consentimento livre e esclarecido.

No contexto da investigação, destacam-se os periódicos: *Ciência da Informação e Perspectivas em Ciência da Informação*, ambos brasileiros; e os *Reading Research Quarterly* e *Frontiers in Psychology*. A seleção privilegiou produções que permitem análise tanto das práticas leitoras quanto dos processos de legitimação do conhecimento.

Após a seleção dos artigos, foi realizado levantamento completo das referências bibliográficas utilizadas em cada estudo, que resultou em um total de 472 referências citadas nos artigos analisados. A partir desse levantamento, foram identificados, as autorias mais citadas, frequência de recorrência e padrões de centralidade no campo. As autorias foram classificadas em três categorias operacionais: homens, mulheres e pessoas não binárias. Com reconhecimento explícito de que a comunidade LGBTQIAPN+ abrange múltiplas identidades que se articulam a noção de identidade e não se reduzem a essas categorias e que os registros acadêmicos nem sempre tornam tais identidades visíveis. Essa limitação metodológica foi considerada e problematizada na interpretação dos resultados.

A análise está fundamentada na identificação de padrões de desigualdade na produção científica, com base na distribuição de autoria e na recorrência de referências. O estudo busca verificar se há predominância de autores masculinos como principais referências do campo, em detrimento de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. A interpretação dos dados considera que a produção científica não constitui campo neutro, mas espaço atravessado por relações de poder que definem quais saberes adquirem legitimidade. Nesse sentido, a análise permite discutir como a seleção de autorias e referências influencia a formação leitora, ao orientar quais obras são lidas, indicadas e reconhecidas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico articula contribuições da história da leitura, dos estudos de gênero e da Ciência da Informação para compreender a leitura como prática social e as desigualdades de gênero na produção científica. A análise destaca as dinâmicas de produção, circulação e validação do saber.

A leitura constitui uma prática social e cultural situada em contextos históricos e institucionais que condicionam sua realização e seu valor simbólico (Chartier, 1999; Certeau, 1994). Essa perspectiva desloca o foco da habilidade individual para os processos coletivos de circulação do conhecimento, onde ler significa participar de sistemas de mediação e de reconhecimento. Além disso, a leitura serve como instrumento de educação cidadã e de enfrentamento da exclusão social (Alves; Correia; Salcedo, 2017, p. 7).

No campo da Ciência da Informação, ela se relaciona às práticas informacionais de produção, organização, circulação e apropriação da informação e às práticas leitoras, entendidas como objetivo central da mediação bibliotecária e educacional (Araújo, 2018; Almeida Júnior, 2007). A circulação do conhecimento depende da visibilidade das autorias e da recorrência de determinadas obras, cuja repetição orienta repertórios e critérios de legitimidade (Romeiro; Silveira, 2022). Escola, biblioteca, mercado editorial e produção científica participam da seleção de leituras e da consolidação de autorias centrais no campo da cultura escrita (Colomer, 2007; Cosson, 2006).

Dessa forma, a formação leitora se articula diretamente à produção científica, uma vez que os textos que circulam e são legitimados nos espaços acadêmicos tendem a influenciar os repertórios que se consolidam como referência.

Quanto ao gênero, Butler (2003) afirma que o gênero constitui uma performance social repetida, e não uma essência fixa, o que permite compreender as identidades de gênero como construções instáveis e passíveis de contestação. Crenshaw (1991) desenvolve o conceito de interseccionalidade para analisar como o gênero se articula com raça, classe, orientação sexual e outras categorias, produzindo formas específicas de opressão e invisibilização. Essas contribuições ampliam a compreensão das desigualdades epistêmicas na produção científica e reforçam a necessidade de maior representatividade de vozes diversas na formação leitora.

Quanto às desigualdades de gênero, o conceito de gênero designa uma construção social e histórica que organiza relações de poder e formas de participação na produção de conhecimento (Scott, 1995). Na Ciência da Informação, essa categoria ganha abordagem ampliada e interseccional, que abrange mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, frequentemente invisibilizadas como autoridades epistêmicas (Romeiro; Wellington; Almeida, 2019). As sociedades ocidentais, ainda orientadas por um sistema

colonial e patriarcal, reproduzem assimetrias de autoria e reconhecimento intelectual nas universidades, escolas e unidades de informação (Romeiro; Silveira, 2022). Temas de gênero e diversidade ocupam posições marginais em campos como a Ciência da Informação, o que reforça exclusões simbólicas e epistêmicas e limita a circulação de perspectivas não hegemônicas (Santos; Romeiro, 2021).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 472 referências bibliográficas extraídas dos 14 artigos que compõem o *corpus* permitiu identificar padrões de recorrência, centralidade e distribuição de autoria no campo da formação leitora. Ao todo, foram identificadas aproximadamente 700 autorias distintas, o que evidencia a amplitude desse campo de estudos e, simultaneamente, revela mecanismos seletivos que contribuem para a consolidação de determinados referenciais teóricos.

Os dados encontrados, complementados pelas percepções dos pesquisadores e mediadores entrevistados, indicam que, embora exista diversidade de autorias citadas, a estrutura do campo se organiza em torno de um conjunto relativamente restrito de nomes que se repetem com maior frequência. Entre as autorias mais recorrentes destacam-se Roger Chartier, Rildo Cosson, Magda Soares e Brian Street, cujas obras aparecem em múltiplos artigos do *corpus*. Esse padrão evidencia a formação de um núcleo de autoridade teórica responsável por orientar parte significativa da produção científica sobre formação leitora. Tal dinâmica dialoga com a noção de capital simbólico proposta por Pierre Bourdieu (1983), segundo a qual a recorrência de citações contribui para a consolidação da legitimidade e do reconhecimento acadêmico de determinadas autorias.

Embora mulheres estejam presentes entre as referências identificadas, essa participação não se traduz em centralidade equivalente à observada entre os autores mais recorrentes. Autoras como Michèle Petit e Regina Zilberman aparecem no *corpus*, porém com frequência inferior à dos principais autores masculinos. De forma semelhante, a identificação de autorias LGBTQIAPN+ mostrou-se limitada, tanto em razão da escassez de registros que permitam reconhecer essas identidades quanto pela reduzida visibilidade dessas produções nos circuitos de circulação científica.

Essa percepção também se manifestou nas entrevistas realizadas. Dois dos cinco participantes apontaram a dificuldade de acesso a produções de autoras e de pessoas LGBTQIAPN+ como um dos fatores que contribuem para a menor centralidade dessas vozes. Uma entrevistada afirmou que “as listas de leituras obrigatórias e os programas de formação de professores ainda são dominados por autores homens clássicos”, enquanto outra destacou que “a gente acaba reproduzindo o cânone que foi ensinado para nós, porque é o que está mais disponível e legitimado academicamente” (Entrevistada 4). Os relatos sugerem que a permanência de determinadas autorias como referências centrais não decorre exclusivamente da qualidade ou relevância de suas obras, mas também de processos históricos de seleção, circulação e legitimação do conhecimento.

Nesse sentido, os resultados apontam que as desigualdades observadas não se restringem à produção científica, mas alcançam também as formas de registro, organização e disseminação da informação. A menor visibilidade de mulheres e de pessoas LGBTQIAPN+ nas referências analisadas evidencia que o reconhecimento acadêmico se encontra atravessado por relações de poder que influenciam quais sujeitos, temas e perspectivas alcançam legitimidade. Tais achados corroboram a perspectiva de Scott (1995), segundo a qual o gênero opera como categoria estruturante das relações sociais, influenciando oportunidades de participação, reconhecimento e autoridade nos diferentes campos de produção do conhecimento.

Os resultados também dialogam com estudos da Ciência da Informação que discutem a existência de hierarquias na organização e circulação do conhecimento. Conforme argumentam Romeiro, Wellington e Almeida (2019), processos de invisibilização e marginalização de determinadas identidades continuam presentes nos espaços de produção científica, o que contribui para a manutenção de repertórios teóricos pouco diversos. Sob essa perspectiva, a autoridade epistêmica não resulta apenas da produção de conhecimento, mas também da capacidade de determinadas autorias de circular, serem acessadas, citadas e continuamente incorporadas aos referenciais do campo.

Essa dinâmica possui implicações diretas para a formação leitora. As autorias mais recorrentes constituem parte significativa da base teórica mobilizada em pesquisas, práticas pedagógicas, políticas de leitura e processos de mediação

desenvolvidos em instituições educacionais e unidades de informação. Dessa forma, as referências que alcançam maior legitimidade influenciam não apenas a produção científica, mas também os repertórios disponibilizados aos leitores e leitoras. Quando determinadas vozes ocupam posição predominante, perspectivas alternativas tendem a permanecer menos visíveis, o que reduz a pluralidade de experiências e interpretações presentes nos processos de formação leitora.

A formação leitora, portanto, não se restringe ao acesso aos textos, mas envolve também a diversidade de autorias que compõem os repertórios considerados legítimos. A predominância de autores masculinos entre as referências mais recorrentes sugere a reprodução de estruturas que favorecem determinados grupos na construção da autoridade científica, ao mesmo tempo em que limitam a representatividade de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ nos processos de produção e circulação do conhecimento.

Por fim, os resultados confirmam a hipótese inicial do estudo ao demonstrar que a produção científica sobre formação leitora tende a concentrar sua autoridade epistêmica em autores do gênero masculino. Ainda que exista diversidade de autorias no campo, a distribuição desigual da centralidade das referências indica a persistência de assimetrias que influenciam a legitimação do conhecimento e a constituição dos repertórios utilizados na formação leitora. Tal constatação reforça a necessidade de revisão crítica dos critérios de seleção de referências e de ampliação da diversidade de vozes presentes na produção científica e nos processos de mediação da leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou desigualdades de gênero na produção científica sobre formação leitora a partir do mapeamento de autorias e referências. Os resultados indicam concentração da legitimação do conhecimento em um conjunto restrito de autorias, majoritariamente masculinas, enquanto mulheres ocupam menor centralidade nas referências e pessoas LGBTQIAPN+ permanecem pouco visíveis ou não identificáveis. O quadro evidencia processos de invisibilização que atravessam produção, registro e circulação da informação. Como limitações, destacam-se a identificação de gênero das autorias e o corpus de 14 artigos. Os achados reforçam a

necessidade de revisão crítica dos critérios de seleção de referências e de ampliação da diversidade nos repertórios teóricos; estudos futuros podem ampliar o corpus e aprofundar a análise das desigualdades na produção e na mediação da leitura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Leitura, mediação e apropriação da informação. *In*: SANTOS, J.P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ALVES, Mariana S.; CORREIA, Anna E. G. C.; SALCEDO, Diego A. Práticas leitoras e informacionais: mediação e apropriação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n. 18., 2017. **Anais [...]**, Marília: UNESP, 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Original: 1983).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARLES, Muweesi; MUGENYI, Disan K.; MUHAMADI, Kaweesi; JESSICA, Kabasiita, NAMAGANDA, Mirembe Rose. Gender Bias in Educational Material and Teaching Practices in Schools: A Case Study of Public Secondary Schools in Iganga District. **Advances in Social Sciences and Management**, v. 2, n. 1, p. 11-23, jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.63002/asm.21.333>

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora UnB, 1999.

CLARK, Christina; TERAVALINEN, Anne. **Children and young people's reading in 2019: Findings from the National Literacy Trust's annual literacy survey**. London: National Literacy Trust, 2020. Disponível em: <https://literacytrust.org.uk/research-services/research-reports/children-and-young-peoples-reading-in-2019/>. Acesso em: 12 abr. 2026.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 02 jun. 2026.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. [S.l.], 2015.

ROMEIRO, Nathália Lima; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Referência e apropriação dos estudos de gênero pela Ciência da Informação brasileira: uma análise dos trabalhos apresentados nos ENANCIBs de 2018 a 2021. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 16, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/639>. Acesso em: 10 abr. 2026.

ROMEIRO, Nathália Lima; WELLINGTON, Carlos; ALMEIDA, Bruno. **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQI+ na Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019.

SANTOS, Bruno Almeida dos; ROMEIRO, Nathália Lima. Bibliografia fora do armário: o que nos revela a Ciência da Informação brasileira sobre questões de gênero e dissidências sexuais? **Bibliothecae.it**, Bologna, v. 10, n. 2, p. 465-497, 2021. Disponível em: <https://bibliothecae.unibo.it/article/view/14074>. Acesso em: 17 abr. 2026.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 14 abr. 2026.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; FREVIER, Priscila R.; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça social e população negra: um olhar teórico-crítico para Competência em Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v.27, n. 2, 2022.

SILVA, Rovilson José da; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação: perspectivas conceituais em Educação e Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, [s.l.], v. 23, n. 2, p.71-84, abr./jun. 2018.

THOMAS, Damon; HOPWOOD, Belinda; HATISARU, Vesife; HICKS, David. Gender differences in reading and numeracy achievement across the school years. **The Australian Educational Researcher**, [s.l.], v. 51, p. 41–66, 2024.

UN WOMEN. **Turning promises into action: gender equality in the 2030 Agenda for Sustainable Development**. New York: UN Women, 2018. Disponível em: <https://www.unwomen.org/sites/default/files/Headquarters/Attachments/Sections/Library/Publications/2018/SDG-report-Gender-equality-in-the-2030-Agenda-for-Sustainable-Development-2018-en.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2026.